

A velhice feminina: um olhar afetivo

Thaís Vinhas Fernandez*

Velhice feminina e memória: algumas reflexões

Sempre não tive a idéia fixa de que a velhice me traria muito? Em meus jovens anos escrevi em algum lugar: primeiro nós vivemos nossa juventude, em seguida nossa juventude vive em nós. Não sei bem, ainda hoje, o que eu queria dizer com isso outrora. Mas eu tinha realmente medo de não atingir a idade de viver esta experiência; eu o sabia profundamente, uma longa vida, com todas as suas dores, vale ser vivida (Lou Andreas-Salomé, Cadernos íntimos dos últimos anos)

A velhice, fato inexorável para o ser humano que alcançou o prolongamento da sua existência, para além de um processo biológico, constitui-se também como um fenômeno cultural, uma vez que a forma como o envelhecimento é percebido e vivido nos diferentes grupos humanos é o resultado dos múltiplos campos de sentidos construídos historicamente nas relações sociais e principalmente intergeracionais.

Como fenômeno cultural, diversos condicionantes devem ser considerados na percepção sobre a velhice, como a noção de gênero. Algumas reflexões que tomaram como chave a relação entre o envelhecimento e a questão de gênero, como os estudos de Beauvoir (1970; 1980), Belo (2013) e Perrot (1989; 2005; 2012), identificaram interações assimétricas estabelecidas no processo de envelhecer entre mulheres e homens, evidenciando que o gênero é “[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14), mecanismo presente também nas vivências femininas de envelhecimento.

No decurso da história e em diferentes organizações sociais, as mulheres foram relegadas a uma condição de subalternidade, sendo muitas vezes silenciadas em suas vidas e memórias. Circunscritas ao espaço do privado, a vida pública, universo predominantemente masculino, era o *locus* de onde as ciências humanas analisavam as sociedades (PERROT, 1989).

* Professora Assistente do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/DCHT-Campus XVIII.
E-mail: tvinhas@uneb.br

Poucas mulheres tiveram condição, durante longo tempo, de romper essas fronteiras e inscrever seu nome na história social da humanidade, não por falta de atuação ou contribuição na vida pública, mas pela estrutura social centralizada no patriarcado, que utilizou, em larga escala, estratégias de invisibilidade feminina em diferentes campos de atuação. E sob essa perspectiva, as construções socioculturais sobre a mulher incidiram diretamente nas concepções em torno do envelhecimento feminino.

Ao considerar a velhice na perspectiva dos papéis sociais destinados às mulheres, Simone de Beauvoir (1980, p. 183) sinaliza que:

[...] pelo fato de que, sendo mulher, suportou mais ou menos passivamente seu destino, parece-lhe que lhe roubaram suas possibilidades, que a enganaram, que escorregou da juventude para a maturidade sem ter tomado consciência disso.

Esse quadro de referência passa a sofrer alterações a partir das lutas feministas que tiveram início no século XIX e marcaram de forma significativa os séculos XX e XXI, e foram paulatinamente abrindo espaços de conquistas de direitos sociais e políticos pelas mulheres, sinalizando novas formas de atuação feminina nas diferentes esferas da vida social. Esses movimentos impactaram nos processos analíticos dos estudos sobre o universo feminino, que “[...] passaram a operar com noções mais complexas das experiências e das necessidades das mulheres, vistas em suas diferenças e no prisma das desigualdades de classe, raça, etnia, sexualidade, geração.” (BIROLI, 2018, p. 9).

A ressignificação do papel da mulher na sociedade implicou novos olhares sobre a sua existência individual e coletiva, inclusive sobre seu processo de envelhecer. Entretanto, houve e ainda há um silenciamento sobre a velhice feminina e muitas vezes a vida de diversas mulheres idosas se constitui na incompreensão do que a travessia do tempo pode representar quando o envelhecimento é visto, vivido e compreendido no universo feminino. Quais aspectos de uma sociedade e de uma época essas memórias podem revelar? Muitos silêncios e vazios em torno desse questionamento, especificamente porque a valorização da memória, e de forma bem emblemática da memória social, esteve durante muito tempo centrada no mundo masculino. No processo seletivo daquilo que deve ser legado para a posteridade, a “[...] memória social da vida das mulheres vai-se perdendo mais por esquecimento ideológico do que por uma real inexistência de documentos” (WADI, 1997, p. 50).

Uma das mais importantes expressões que emergem com força na velhice está relacionada com o campo da memória. Isso implica diretamente nas memórias que

constituem e ganham espaço social no decurso da história, uma vez que enquanto “[...] forma de relação com o tempo e com o espaço, a memória, como a existência da qual ela é prolongamento, é profundamente sexuada” (PERROT, 1989, p. 18).

Assim, as memórias de mulheres idosas durante longo tempo consideradas como memórias duplamente marginais, tanto pela questão de gênero, quanto pela condição etária, encontram a partir da segunda metade do século XX diferentes espaços para se manifestarem no campo das pesquisas sociais. Analisando a área específica da pesquisa histórica, Michelle Perrot (1989, p. 18) sinaliza que “Os asilos femininos tornaram-se campo de pesquisa, com, alegrias diversas, ligadas à qualidade das interlocutoras”.

Esses fragmentos de memórias femininas configuram um mosaico polifônico, mas ainda pouco explorado pelas pesquisas nos campos das ciências humanas e sociais que só a partir da década de 1950, com o envelhecimento populacional e a inovação de técnicas investigativas, começaram a desenvolver de forma sistemática estudos sobre a velhice, tendo como uma de suas fontes as memórias de idosas. Nesse cenário, um duplo movimento trouxe as mulheres à cena: a legitimação dos estudos sobre as mulheres como campo investigativo e a evidência estatística de um processo de feminização do envelhecimento (BELO, 2013).

Nas relações intergeracionais, nos intercâmbios entre tempos e narrativas, entre velhos, crianças e adultos, a cultura encontra um caminho de construção e reconstrução de seus símbolos e significados, e nesse direcionamento a memória feminina passa a configurar uma forma singular de expressão.

Memórias afetivas: um encontro entre gerações

O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos (BOBBIO, 1997, p. 30).

Na velhice o que fica de mais forte são as memórias. Quando os espaços de atuação vão diminuindo e o tempo – já não tão movimentado pelos afazeres cotidianos – se prolonga, o recurso à memória e às experiências vividas é como chama acesa a alimentar a existência. Para a mulher, ainda em luta social pela garantia de ampliação do seu espaço de atuação, a vida privada se intensifica na velhice (DEL PRIORE, 2007).

Assim, são nos espaços íntimos que muitas vezes elas encontram vazão para o uso da memória não apenas como recurso saudosista de um tempo que se foi, mas também como preservação desse tempo, deixando rastros de sua vivência nas fotografias e

objetos guardados, nos diários escritos, nas narrativas orais e na memória dos que ouviram inúmeras vezes suas histórias.

Quando essas memórias encontram espaço de expressão no ambiente familiar, a vida da mulher idosa pode se revestir de outros sentidos, pois descobre um lugar de permanência, e mesmo depois quando a morte lhe arranca a existência física, ela sobrevive por longo tempo nas memórias vivas que teceu ao longo da sua vida e pode ser encontrada na repetição de uma fala, em um quadro pendurado na parede, nos objetos que colecionou, em um gesto que se repete em um novo membro de sua família. “Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (BOSI, 1994, p. 82).

Dessa forma, muitas mulheres idosas puderam reinventar seu espaço e construir diferentes formas de expressão de sua memória. Muito raramente uma família não terá guardada as lembranças de uma senhora marcante que na velhice juntou, através da memória, os fragmentos da história familiar e deixou, como sopro, o legado da base inicial de constituição das identidades das gerações que lhe sucederam.

A imersão no texto “A Velhice - As relações com o mundo” de Simone de Beauvoir (1970) me possibilitou o reencontro com as memórias de uma velha senhora que marcou profundamente a minha existência. Assim, as reflexões sobre o envelhecimento feminino transcenderam a lógica da teoria e se assentaram nas memórias afetivas construídas no encontro entre gerações e tecidas no cotidiano de duas mulheres: a avó e a neta.

Nascida no ano de 1918, minha avó materna foi minha melhor professora de História. Foi ela quem pela primeira vez me falou sobre o crash da bolsa de Nova York e como o sul da Bahia e a emergente lavoura cacauera sustentaram economicamente o Estado durante essa crise, repetindo pra mim uma história que ela havia ouvido do seu pai, um pequeno agricultor e comerciante da região do cacau. Contando com 11 anos de idade na época do fato, fez da narrativa do pai a lembrança mais forte de um tempo que viveu. Memória herdada e retransmitida anos mais tarde para a quarta geração da família (POLLAK, 1992). Lembro-me que pedi pra ela repetir a palavra *crash* inúmeras vezes, para que eu aprendesse a pronúncia daquela nova palavra acrescentada ao meu vocabulário e pudesse repassar a história para meus amigos.

Em outra ocasião me contou a história do navio que pegou fogo no mar do Pontal, na cidade de Ilhéus no interior da Bahia, e o desespero das vítimas que tentavam se salvar. Em terra firme, uma multidão se aglomerou no cais para assistir o triste espetáculo da vida real. Ela era um desses espectadores e trazia ainda vivo em seu

coração o sentimento de impotência por nada poder fazer por aquelas pessoas que agonizavam a poucos metros dos seus olhos. Silêncio, pausa e pesar em sua narrativa. Minha mãe compartilha essa memória, pois lembra-se que estava com minha avó nessa ocasião.

Mais tarde, na universidade, encontrei em um livro de meu conterrâneo Adonias Filho um relato sobre o mesmo incêndio. Recentemente encontrei outro livro¹ que fala da explosão e incêndio do navio cargueiro Urubatan no porto de Ilhéus no ano de 1959, trazendo outras evidências sobre o acontecido, como a imagem a seguir:

Figura 1: Foto do navio Urubatan pegando fogo no cais de Ilhéus, possivelmente o mesmo navio citado nas narrativas de minha avó.



¹ Livro “Pontal - Entre o Passado e o Presente”, de autoria de José Rezende Mendonça.

Memória individual e memória social compoem o cenário de um tempo histórico, sobrepondo testemunhos, evidências do ocorrido, como afirma Duvignaud (1990, p. 9-10): “É impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomamos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referência nesta reconstrução que chamamos memória”.

Em suas narrativas, minha avó sempre intercalava suas vivências individual e coletiva, entrelaçamento fundamental para a constituição das memórias. E assim, certo dia ela me deu de presente o retrato de Getúlio Vargas que foi distribuído para a população brasileira no ano de 1954 logo após seu suicídio, e que ela havia conseguido um exemplar. Emocionada, me falou que no dia em que Getúlio morreu ela pensou que haveria uma guerra no Brasil e ficou muito assustada com um possível caos social. Para sua realidade, Getúlio foi de fato o pai dos pobres e era assim que ela o via e sentia. Outra vez me mostrou sua coleção de revistas que falavam da morte de John Kennedy. Contou-me que guardava esse material porque tinha grande admiração por Jacqueline Kennedy, em sua opinião umas das mulheres mais bonitas e elegantes da sua época.

Nos nossos encontros, as narrativas dos acontecimentos políticos e sociais se intercalavam com a história da nossa família, revelando que “[...] mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida” (POLLAK, 1989, p. 15). E foi assim que eu soube de alegrias e desventuras de sua existência, que ao serem narradas criavam em minha mente várias imagens de uma época.

Séria, me contou sobre a coragem que teve de se separar do marido em plena década de 1940 quando saiu de casa com os sete filhos, pois não toleraria mais ser afrontada e humilhada com traições. Frente ao escândalo de seu ato à época, uma vez que o divórcio e a dissolução do casamento não eram legalizados no Brasil, se permitiu reconstruir a vida com dignidade e o mais importante, se permitiu amar. Três anos após ter deixado o marido com quem foi obrigada a casar aos dezesseis anos de idade, ela reconstruiu a vida conjugal, mas agora por amor. Lembro da risada que deu quando soltei, na minha espontaneidade infantil, que tinha sido uma coisa muito boa ela ter se separado porque eu amava o seu segundo marido, aquele a quem eu conhecia como meu avô. E assim quebramos a seriedade do momento.

Nossos encontros eram sempre festivos. Gostava de sua comida, de seus cabelos brancos, da sua voz ao me contar aquelas histórias, dos carinhos de suas mãos, da sua casa cheia de flores e plantas, da sua paciência ao me auxiliar a achar os ovos de lagartixas entre os tijolos da parede do quintal, das pescarias improvisadas no tanque

de água e de suas poderosas rezas, que curavam e animavam o espírito, como ela sempre dizia.

Sua casa era o lugar mágico e só muito tempo depois descobri que foi lá que tecemos juntas muitas das minhas memórias individuais e sociais, porque quando ela falava das suas histórias e da sociedade em que viveu, eu sentia que elas estavam entrelaçadas às minhas. Hoje ao rememorar nossos encontros e conversas, percebo em minhas lembranças muito da sua presença e reconhecimento que na composição de nossas memórias “[...] nunca estamos sós. [...] temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Cada vez que acessei sua coleção particular composta por tantos fragmentos de história, um fato precioso foi registrado em mim. Compartilhamos o tempo. Tempo vivido, tempo rememorado, tempo atualizado. E durante esses tantos dias que tivemos a alegria da companhia uma da outra, muitas cores foram incorporadas a minha história.

A arte tecendo histórias e memórias

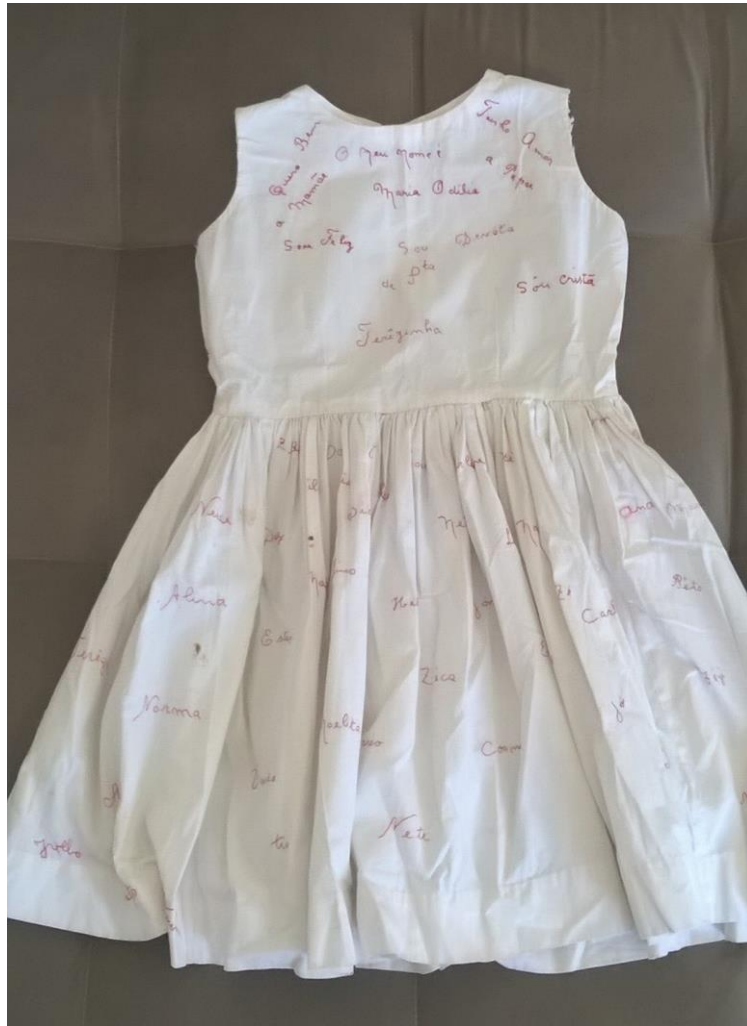
Minha avó era uma mulher extremamente criativa. Gostava de arte e poesia e encontrou várias formas de expressar o seu talento, em uma realidade pouco propensa à arte feminina. Se o domínio público lhe fechou as portas, a vida privada deu evasão aos seus arroubos criativos. Fazia versos para os netos que nasciam, criava objetos decorativos, fazia colchas coloridas juntando pedaços de tecidos que formavam diferentes formas geométricas, fez tapetes em formato de peixe e da bandeira do Brasil, bordava a história da família nas roupas dos filhos.

Fez arte para sobreviver e para transcender o tempo, como se compreendesse que “A arte não é só para o indivíduo; não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós” (ESTÉS, 1994, p. 29). E assim também permaneceu fisicamente, com suas criações, presente em nossas vidas mesmo depois de ter partido.

Uma de suas obras artísticas familiares mais marcantes compõe hoje meu acervo particular, como memória viva da criatividade da minha avó: o vestido que ela costurou e bordou para a minha mãe usar na ocasião em que visitaria sua família em outra cidade, no ano de 1959.

O vestido feito todo manualmente foi usado na primeira viagem de trem da sua filha. A caligrafia da minha avó, tão familiar a mim, se faz presente nos traçados do bordado. A marca de uma fâisca que voou da chaminé da locomotiva marca o vestido, imprimindo nele uma expressão viva do cotidiano.

Figura 2: Foto do vestido bordado



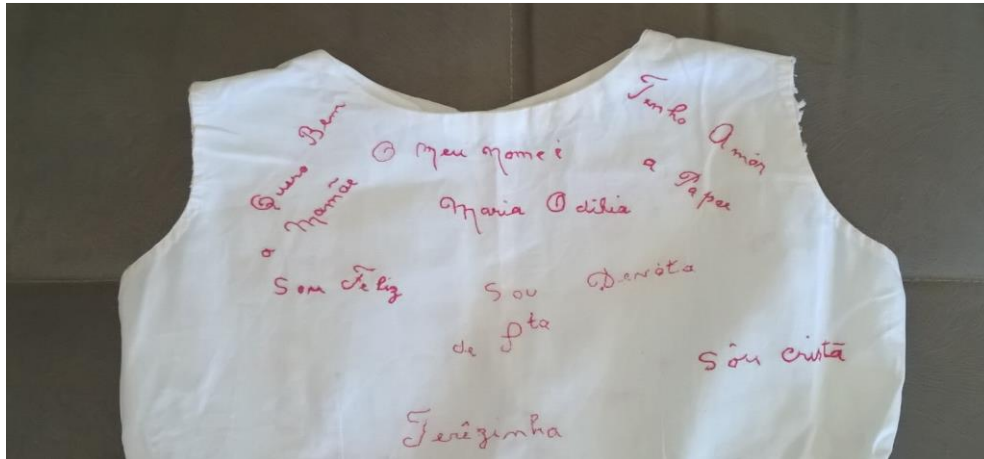
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nos bordados alguns detalhes aprofundam questões familiares, como o nome da filha (mesmo nome da avó – Maria Odília), que teve que ser mudado para Odília Maria, pois sua irmã mais velha já havia colocado o nome em uma filha que nasceu primeiro. Minha avó não recuou da homenagem, e se não poderia se apropriar originalmente do nome da mãe, se apropriou do apelido, e até hoje sua filha é conhecida pelos familiares pelo mesmo apelido em que sua avó era chamada.

No vestido, cada espaço narrava a história de vida da filha de nove anos. Suas brincadeiras preferidas, a devoção católica, as coisas que já tinha aprendido, os nomes

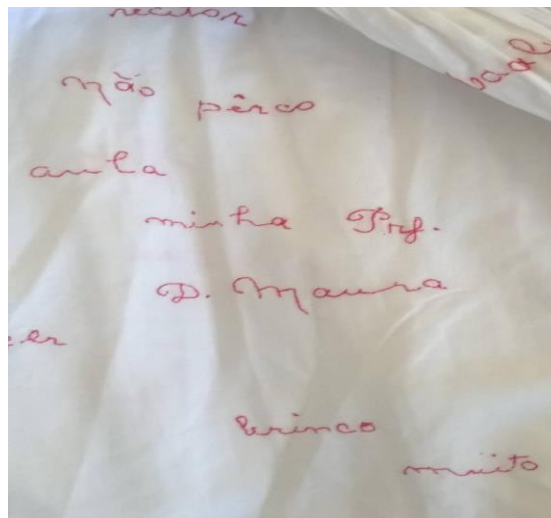
de membros da família, a escola, a professora... a linha do bordado deu vida ao cotidiano infantil e familiar da década de 1950.

Figura 3: Detalhes do bordado



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 4: Detalhes do bordado



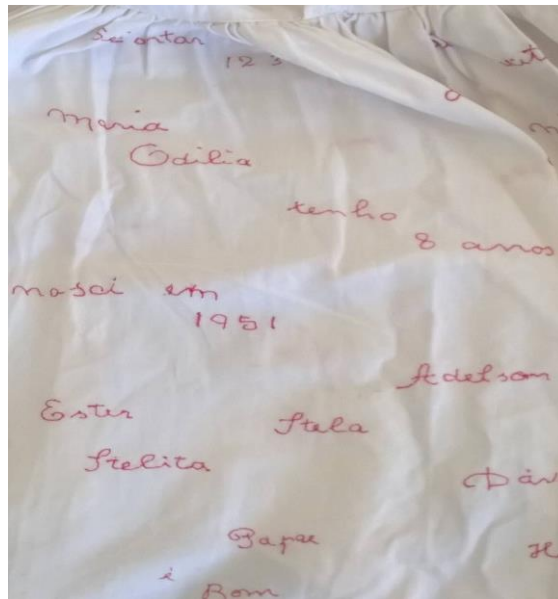
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Mulheres, resistências e direitos fundamentais

A velhice feminina: um olhar afetivo

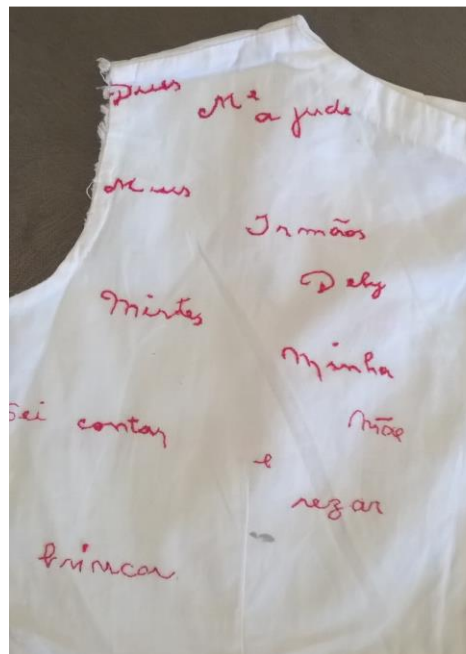
DOI: 10.23899/9786589284352.3

Figura 5: Detalhes do bordado



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 6: Detalhes do bordado



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 7: Detalhes do bordado



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Hoje tenho a certeza de que o acesso às memórias da minha avó de certa forma marcou meu destino. Formei-me em História, optei por realizar um trabalho de juntar memórias, escrever histórias, guardar o tempo em uma escrita que é o fragmento incompleto de tantas vozes, mas que tem o fluído de vida. E a presença feminina, construída através da memória de uma velha senhora, foi configurando a realidade da geração que lhe sucedeu.

Geralmente, é na medida em que a presença de um parente idoso está de algum modo impressa em tudo aquilo que nos revelou de um período e de uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória não como uma aparência física um pouco apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro que o resume e o condensa (HALBWACHS, 1990, p. 66).

Em tantos lugares e em tantos tempos essa presença muitas vezes foi exercida pela mulher, na interligação e interdependência entre as memórias individuais e coletivas. Na minha família, as memórias legadas pela minha avó foram a base onde se assenta hoje grande parte das nossas lembranças, tradições e narrativas familiares. No

nosso cotidiano, quase sempre são as memórias dela que nos dão referência quando queremos acessar aspectos do nosso passado e das nossas origens. Ao longo da vida, várias vezes me peguei perguntando a minha mãe ou minha tia sobre tal história que minha avó contou. Nas novas narrativas, a repetição do acontecido ganha outros contornos, salvando a memória de minha avó do esquecimento, porque

Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão, a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos (BOSI, 1994, p. 90).

Depois de tanto tempo tive a vontade de escrever nossas memórias, compartilhando evidências da presença marcante de minha avó na minha vida. Articulando teoria e vivência, acredito que a velhice feminina me ensinou que as memórias afetivas podem sobreviver, de forma muito significativa, ao tempo. Assim, as memórias marginais de tantas mulheres “[...] prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível” (POLLACK, 1989, p. 3), e podem alcançar diferentes espaços e sujeitos, mesmo com os mecanismos de controle e poder que colocou a memória masculina no centro da vida pública e a feminina nas sombras da vida privada.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. As relações com o mundo. v. 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BEAUVOIR, Simone de. Da maturidade à velhice. In: BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 343-362.
- BELO, Isolda. Velhice e Mulher: Vulnerabilidades e Conquistas. **Revista Feminismos**, v. .1, n.3, set./dez. 2013.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BOBBIO, Norbert. **O Tempo da Memória**. São Paulo: Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- DEL PRIORE, M. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, M. C. (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 217-235.
- DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. p.9-17.

Mulheres, resistências e direitos fundamentais

A velhice feminina: um olhar afetivo

DOI: 10.23899/9786589284352.3

ESTÉS, Clarissa Pinkolas. **Mulheres que correm com lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Editora Vértice, 1990.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, ago./set. 1989.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5, jul./dez. 1990.

WADI, Yonisa Marmit. História das mulheres: a problemática das fontes. **História e Ensino**: Revista do Laboratório de Ensino de História, Londrina, v. 3, p. 47-56, 1997.